



CRISTOLOGIA



SEMEADOR

NITERÓI, 2007

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos

reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. Cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Introdução	7
Capítulo 1	11
Jesus e o Antigo Testamento	
A Sua preexistência	
Capítulo 2	19
A Sua encarnação	
A Sua humanidade	
A Sua divindade	
Capítulo 3	27
A Sua morte	
A Sua ressurreição	
Capítulo 4	37
A Sua ascensão	
O Seu ministério	
Bibliografia	47
Programa Curricular	48

Cristologia



INTRODUÇÃO



“**N**o princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus...” (Jo 1:1).

Quem é o Verbo? Quem é este que estava com Deus? E era Deus?

“O apóstolo João deu testemunho dele, e clamou, dizendo: Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, passou adiante de mim; porque antes de mim ele já existia” (Jo.1:15).

Quem diz o povo ser o Filho do homem? Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas. Mas vós, quem dizeis que ele é? Ele é o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt. 16). Muitas perguntas foram feitas no passado e hoje ainda são feitas sobre o Ser Jesus Cristo. Só se deve estudá-lo através de revelação divina orientada pelo Espírito Santo; de outro modo, o estudo seria sobre um ser homem como qualquer outro.

Como um bom exemplo, peguemos o texto bíblico em que, através do Espírito Santo, Pedro, um dos apóstolos, teve a revelação divina de quem era Jesus (Mt. 16). Ao que Jesus disse a Pedro: *“Não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus”*.

Neste livro não queremos trazer à discussão a existência ou não de Jesus Cristo, já que acreditamos que todos que participam deste Seminá-

rio já tenham recebido a revelação divina de que Deus enviou seu Filho unigênito, Jesus, para que todos os que n'Ele creiam tenham a vida eterna (Jo 3:16).

Estaremos, sim, nesse estudo, enfatizando e fornecendo dados bíblicos sobre nosso Senhor Jesus Cristo com relação à Sua preexistência, divindade, humanidade e ministério; bem como, às profecias cumpridas do Antigo Testamento com relação à Sua vinda.

Jesus, pregando para a multidão, termina o capítulo 11 de Mateus dizendo: *“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”* (vs. 25-27).

Cristologia



CAPÍTULO 1



Jesus e o Antigo Testamento
A preexistência de Jesus

“Tipos” de Jesus

Jesus e o Antigo Testamento

No Antigo Testamento encontramos profecias (palavras da parte de Deus) sobre a chegada do Messias. Essas profecias são comprovadas nos ensinamentos do Novo Testamento. O próprio Jesus asseverou que viera para cumprir a Lei e os profetas. Estudando o Antigo Testamento observamos alguns elementos chamados “tipos” que fazem a correspondência entre certas pessoas, eventos, ou coisas do Antigo Testamento e Jesus do Novo Testamento. A essa prefiguração de pessoas, eventos e coisas chamamos de TIPOLOGIA.

Citaremos alguns “tipos” de Jesus no Antigo Testamento:

1. Arão e Melquisedeque. Foram “tipos” de Jesus no que se refere ao sacerdócio. Arão era o sumo sacerdote que oferecia sacrifícios pelos pecados dos outros e pelos seus, porque era imperfeito. Jesus, entretanto, é o Sumo Sacerdote que não tem pecado e morreu como sacrifício vivo dos pecados do homem. Melquisedeque é outro sumo sacerdote que tipifica Jesus porque não tinha linhagem de sacerdote. Todo sumo sacerdote levítico tinha que proceder da linhagem levítica de Arão. Melquisedeque não descendia de Arão, assim como Jesus (Hb. 7:14). Outra razão é o caráter de pureza e de vida indissoluta de Melquisedeque, exatamente como a de Jesus (Hb. 7:16).

2. Moisés e Josué. São tipos de Jesus no que se refere à função. Moisés com a função de libertador do povo de Deus e Jesus como o libertador do homem, porque morreu por seus pecados. Josué tipificava a Jesus na função de levar o povo de Deus até a terra prometida. Jesus levará os que são Seus até a Canaã celestial.

3. Como eventos que tipificam a Jesus temos: (a) Moisés levantou a serpente de bronze no deserto (Nm 21). Jesus foi levantado na cruz quando foi feito pecador por nós (Jo. 3:14,15; II Co. 5:21; Gl. 3:13); (b) Jonas, quando ficou três dias e três noites no ventre do peixe. A crucificação e ressurreição de Jesus ocorreram em três dias e três noites (Mt. 12:40).

4. O cordeiro do sacrifício. O cordeiro imolado no sacrifício, para expiação do pecado, devia ser macho, sem defeito, de um ano e separado por quatro dias para teste de saúde e perfeição. Jesus, homem, sem qualquer mancha, defeito ou pecado, foi oferecido em expiação de nossos pecados (Hb. 9: 13,14).

Com relação aos textos que prenunciavam e profetizavam sobre o Messias no Antigo Testamento, precisamos nos atentar que alguns textos são manifestamente profecias sobre Cristo, porque o Novo Testamento os cita como tais. Outra forma de revelação de Cristo no Antigo Testamento consiste em passos do Novo Testamento que, mesmo sem citação direta, referem-se profeticamente a Cristo. Vejamos alguns textos:

1. Gênesis 3:15: *“Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”*. Deus promete que enviaria o descendente da mulher para ferir a cabeça da serpente. Jesus Cristo, na cruz, esmagou Satanás. “Inimizade”, neste texto representa o conflito entre o maligno (tua semente) e o povo de Deus, especialmente Jesus (sua semente).

2. Deuteronômio 18:15: *“O Senhor teu Deus te suscitará do meio de ti, dentre teus irmãos, um profeta semelhante a mim; a ele ouvirás”*. O termo profeta aplicado a Jesus, refere-se ao seu ministério, como mensageiro das boas novas e ao predizer eventos futuros (Mt. 24).

3. Salmo 16:10: *“Pois não deixarás a minha alma no Seol, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”*. Refere-se à ressurreição de Jesus dentre os mortos.

4. Salmo 22: Fala sobre a morte e ressurreição de Jesus.

5. Isaías 7:14: *“Portanto o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel”*. Esta profecia se completa com o texto de Mateus 1:23. O texto de Isaías fala de “sinal profético” dado ao rei Acaz, como garantia da vitória de Judá em meio à adversidade.

6. Isaías 52:13: *“Eis que o meu servo procederá com prudência; será exaltado, e elevado, e mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava tão desfigurado que não era o de um homem, e a sua figura não era a dos filhos dos homens), assim ele espantará muitas nações; por causa dele reis taparão a boca; pois verão aquilo que não se lhes havia anunciado, e entenderão aquilo que não tinham ouvido”*. Isaías fala sobre o Servo que sofreu muito e seria engrandecido; o sofrimento e a deformação física que Ele sofreu em virtude das agressões sofridas. A expressão “espantará muitas nações” mostra que o Seu sacrifício expiatório purificaria a muitos e, deixaria tantas outras pessoas perplexas diante dos acontecimentos.

7. Isaías 53: Descreve o sofrimento de Jesus pelos pecados do homem.

8. Daniel 9:26: *“E depois de sessenta e duas semanas será cortado o ungido, e nada lhe subsistirá; e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundaçãõ; e até o fim haverá guerra; estão determinadas assolações”*. Neste trecho se profetiza sobre a morte do Messias que ocorreria 483 anos após o decreto medopersa para reedificação de Jerusalém.

9. Miquéias 5:2: *“Mas tu, Belém Efrata, posto que pequena para estar entre os milhares de Judá, de ti é que me sairá aquele que há de reinar em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”*. Esta profecia é uma das mais claras e importantes do AT. Ela fala do lugar do nascimento de Jesus.

A preexistência de Jesus

“...e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus” (Jo. 1:1,2).

Quem é o Verbo? Jesus. Entende-se, então, que Jesus preexistiu na eternidade como o Verbo. Verbo, segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda, significa: (1) Palavra, vocábulo; (2) A segunda pessoa da Santíssima Trindade, encarnada em Jesus Cristo; (3) Palavra que designa ação, estado, qualidade ou existência.

Verbo, biblicamente falando, significa a ação de Deus, através da Sua palavra de expressão. É a expressão: Haja luz! Sendo assim, entende-se que Jesus preexistiu como Verbo, porque Ele é a expressão da Palavra de Deus.

A Bíblia de Estudo Pentecostal, pág. 1569, no comentário sobre João 1:1, diz que: *“Mediante este título de Jesus, João O apresenta como a Palavra de Deus personificada e declara que nestes últimos dias Ele nos falou através do Seu Filho. Assim como as palavras de um homem revelam o seu coração e mente, assim também Cristo, como o Verbo, revela o coração e a mente de Deus”*.

A preexistência de Jesus é comprovada na Bíblia através de diversos textos e testemunhos. O próprio Jesus mencionou Sua preexistência na oração sacerdotal, quando disse: *“Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse”, e “...pois que me amaste antes da fundação do mundo” (Jo. 17: 15,24b).* Ao dirigir-se aos fariseus, Ele respondeu: *“Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou” (João 8:58).* E ainda em Apocalipse 1:8: *“Eu sou o Alfa e o Ômega”*; isto é, o princípio e o fim.

Outro texto importante é quando Paulo afirma a preexistência de

Jesus em Colossenses 1: 15-17: “(...) *o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas; (...)*”.

Jesus não foi criado. Ele é eterno, e sempre esteve em comunhão com o Pai e com o Espírito Santo, desde antes da criação do mundo.

Apresentaremos a seguir três características de Jesus como o Verbo:

1. Sua relação com o Pai: Ele era uma pessoa existente desde a eternidade, distinto de Deus Pai, mas em eterna comunhão com o Pai. Jesus declarou Sua igualdade com Deus Pai dizendo: “*Eu e o Pai somos um*” (Jo. 10:30);

2. Sua relação com o mundo: Deus Pai amou o mundo por intermédio de Jesus;

3. Sua relação com a humanidade: Jesus deixou o céu e experimentou a condição de vida e o ambiente humano, mas não pecou.

Não devemos duvidar da preexistência de Jesus. Tomé, na sua incredulidade diante do Senhor, após Sua crucificação, precisou de provas concretas da Sua ressurreição e no final confessou: “Senhor meu e Deus meu!” Jesus é o Filho de Deus, o Verbo Vivo que executou o maior projeto do Universo a Criação e é parte fundamental do maior plano: a salvação do homem.

Cristologia



CAPÍTULO 2



**A Sua encarnação
A Sua humanidade
A Sua Divindade**

Encarnação, humanidade, divindade de Jesus

A Sua encarnação

Esta palavra, no dicionário Caldas Aulete significa materialização de divindade ou espírito; alguém que se corporificou (adquiriu corpo humano).

Para os cristãos, a encarnação está vinculada a um dos maiores eventos históricos no qual Deus se fez homem na pessoa de Jesus Cristo. Esse evento não pode ser compreendido com nossas mentes finitas. Apenas pela fé é possível compreender a proporção deste evento, o que em nada diminui o poder e a veracidade dos fatos.

O mundo, naquela época, foi preparado para a encarnação, o nascimento de Jesus. Foi um período em que o poder mundial centralizava-se nos romanos, a língua universal era a grega e não aconteceram guerras. Os judeus esperavam ansiosamente pelo Rei.

O Império Romano continuava a crescer, indiferente aos acontecimentos da chegada do Messias. Entretanto, os romanos contribuíram muito para a propagação dos acontecimentos advindos do nascimento de Jesus, devido ao grande desenvolvimento que protagonizaram na época, especialmente nos sistemas de transportes (marítimos, rodoviários) e de comunicação.

Num evento chamado de ‘anunciação’, iniciou-se a caminhada daque-

le que mudaria a história do povo de Deus. As profecias do Antigo Testamento estavam por se cumprirem. Através delas, Deus anunciou com detalhes o Seu maravilhoso plano para a humanidade, embora, o Seu povo, os judeus, esperassem alguém como um líder político, um rei.

Encontramos essa anunciação em Mateus 1:20b-25: *“José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo; ela dará à luz um filho, a quem chamarás JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, o qual será chamado EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco. E José, tendo despertado do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu sua mulher; e não a conheceu enquanto ela não deu à luz um filho; e pôs-lhe o nome de JESUS”* (ver Lc. 1:26-38).

Este texto de Mateus comprova a descendência de Jesus. Ele é um descendente de Davi através da genealogia de José, embora tenha sido concebido pelo Espírito Santo. Ainda no capítulo 1 de Mateus, versículos 1a 16, encontramos a descrição da genealogia de Jesus. Nota-se, neste texto, que a palavra “gerou” é usada em todos os nomes até chegar a José, quando a declaração muda para: *“...e Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, ...”* (v. 16).

Guy Duffield e Nathaniel Cleave, em seu livro dizem que: *“Na concepção de Jesus, não foi chamado à vida um novo ser (como em todos os outros casos de nascimento), mas sim Alguém que já existia eternamente e que, pela Sua concepção, entrava agora numa relação vital com a natureza humana. Em Jesus Cristo, só há uma personalidade, a saber, o Eterno, pois Ele era, é e sempre será o Filho de Deus”* (Fundamentos da Teologia Pentecostal, Vol II, pág. 7).

Alguns pontos importantes com relação ao Seu nascimento:

1. O Antigo Testamento contém revelações sobre o nascimento de

Jesus: Gênesis 3:15; Gênesis 22:15-18; Isaías 9: 6,7; Isaías 11: 1,2 e Isaías 7:14 (leiam os textos citados).

2. Se Jesus tivesse nascido de um pai natural, Ele teria morrido apenas para sua própria redenção; não seria infinito; seria apenas mais um líder religioso; a Palavra de Deus não seria confiável etc.

3. As razões do Seu nascimento: revelar Deus aos homens; prover um exemplo de vida; prover um sacrifício pelo pecado; destruir as obras do diabo; ser um sumo sacerdote misericordioso; cumprir a aliança davídica; ser sobremaneira exaltado etc.

O nascimento de Jesus foi predito pelo Antigo Testamento e provado pelo Novo Testamento. Tudo foi preparado por Deus: a escolha de Maria para ser mãe do Salvador; o local (Maria e José não moravam em Belém, cidade já escolhida para o advento); os reis magos para adorá-lo como Rei; a estrela que assinalou o local do nascimento; o nascimento de João Batista como precursor do Seu ministério etc. Nenhum detalhe foi deixado para trás ou esquecido pelo Deus perfeito.

Disse-lhe então o anjo: *“Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai; e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim”* (Lc. 1:30-33).

A Sua humanidade

Segundo Guy Duffield e Nathaniel Cleave, *“Jesus tomou para si uma autêntica natureza humana com todos os atributos humanos, exceto o pecado. Sua natureza humana estava sujeita à Sua natureza divina, sem sacrificar qualquer parte de Sua humanidade”* (Fundamentos da Teologia Pentecostal, Vol I, pág. 129).

Pois ele, “*o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens*” (Fp. 2: 6,7). Jesus se fez homem finito e suscetível à morte, mas sem nunca deixar de ser um ser Divino. Ele, na forma de homem, sentiu fome (Mt. 4:2); sentiu sede (Jo 19:28); se cansou (Jo 4:6); chorou (Jo 11:35); foi tentado (Hb 4:15) etc. Como divino, deu de comer a 5.000 pessoas, andou sobre o mar, curou enfermos...

Vejamos algumas características da Sua humanidade:

- a) Nasceu de uma mulher (Mt. 1:18);
- b) Foi sujeito a crescimento. Ele cresceu e se desenvolveu como qualquer outra pessoa (Lc. 2:52);
- c) Foi criado em sujeição aos seus pais (Lc. 2: 51);
- d) Participou de uma família (Mt. 13: 55,56). Na cidade em que Ele vivia, os moradores o viam apenas como o filho de um carpinteiro, que teve outros filhos.
- e) Submeteu-se às Leis (Lc. 2: 21-24);
- f) Foi visto e tocado por homens (Mt. 26:12);
- g) Possuiu alma e espírito humanos (Mt. 26: 38; Lc. 23:46);
- h) Passou pela morte.

A humanidade de Jesus sempre foi contestada e discutida. Heresias negam a humanidade de Jesus, mas o apóstolo João adverte contra elas, dizendo: “*Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos vêm de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus; mas é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que havia de vir; e agora já está no mundo*” (I Jo 4:1-3).

Não devem os crentes devotos e bem-intencionados concentrar a atenção somente na defesa da divindade de Jesus. Ele não teve apenas um simples contato com a humanidade, pelo contrário, revelou-se como homem, tomou para si uma autêntica natureza humana, porém SEM PECADO.

“Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo; e livrasse todos aqueles que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão. Pois, na verdade, não presta auxílio aos anjos, mas sim à descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hb. 2:14-17).

A Sua divindade

Jesus teve uma natureza humana, mas também teve uma natureza divina, sendo, porém, uma só pessoa. Ele mesmo proclamou a Sua divindade. Mesmo quando acusado de blasfemo, não negava que Suas obras fossem próprias da Sua divindade. Ele curava doenças, perdoava os pecados, ressuscitava mortos...; somente um Ser divino poderia fazer tais coisas. Mesmo tornando-se homem, não limitou a Sua divindade; mesmo deixando o esplendor da Sua glória por algum tempo. Em vários textos bíblicos Jesus atesta Sua divindade, mas em João 17:5, Ele faz uma declaração direta: *“Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse”*.

Através de textos bíblicos podemos comprovar a Sua divindade. Vejamos algumas provas através:

1. De Seus nomes:

- Deus (Hb. 1:8; Jo 1:1; 20:28);
- Filho de Deus (Mt. 16:16; 14:33; 8:29);
- Senhor (Mt. 22:43-45; At. 9:17).

2. De Seus atributos:

- Eterno. Ele é de eternidade a eternidade, e não está limitado pelo tempo humano (Sl. 90:1,2; 102:12; Is. 57:12; Hb. 1:2; Ap. 13:5);
- Onipotente: Ele detém todo o poder no céu e na Terra (Sl. 147:13-18; Mt. 19:26; Lc 1:37);

- Onisciente: Ele conhece os fatos e pensamentos no tempo e no espaço (Sl. 44:21; 139:1-6; I Sm 16:7; Jo. 1:48; 16:30; 21:17);
- Onipresente: Ele tem a capacidade de existir e estar ao mesmo tempo em toda parte (Sl. 139:7-12; Mt. 18:20; 28:20; Ef. 1:22,23).

3. De Suas obras:

- Criação (Jo 1:3; Cl. 1:16);
- Sustentação (Cl. 1:17);
- Perdão de pecados (Lc. 7:48);
- Ressurreição dos mortos (Jo 5:25);
- Julgamento (juiz) (Jo 5:22, 27);
- Envio do Espírito Santo (Jo 15:26; 11:25; 6:40).

4. Da igualdade na Trindade:

- Com o Pai (Jo 10:30; 17);
- Com o Espírito Santo (Jo 16:13-15).

5. De testemunhas:

- Deus (Mc. 9:7);
- Anjos (Hb. 1:6);
- Demônios (Lc. 4:41);
- Reis magos (Mt. 2:11);
- Discípulos (Mt. 14:33);
- Povo (Jo 9:37, 38).

“Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis” (Rm 1:20) e “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da [divindade]” (Cl. 2:9)

Cristologia



CAPÍTULO 3



A Sua morte
A Sua ressurreição

Expição, redenção, reconciliação e propiação

A Sua Morte

Em Marcos 10:45, Jesus declara que: *“Pois também o Filho do homem veio... para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos”*. Este versículo caracteriza de forma clara o propósito da morte de Jesus. A palavra “resgate” significa: *libertação do cativo, mediante pagamento ou outro meio; salvar de grande perigo* (segundo o dicionário Caldas Aulete).

O preço pago para libertar o homem da culpa, da condenação e do poder do pecado, e, também para restaurar a sua perfeita comunhão com o Pai, aconteceu através do sacrifício de Jesus Cristo na cruz. Foi o maior resgate já pago na história da humanidade.

“Mas todas as coisas provêm de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo, e nos confiou o ministério da conciliação; pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra da reconciliação” (II Co. 5:18,19).

Muitos exemplos de pessoas piedosas nos servem de modelo e exemplo, mas no caso de Jesus, vai muito além disso. Ele é o elo de ligação entre Deus e o homem. Sem o Seu sacrifício não seria possível se tornar real essa comunhão. Apesar de, todo esse sacrifício, muitos não creram e, ain-

da hoje, não crêem que Jesus, o Filho de Deus, veio como Salvador.

Isaías 53 relata bem todo o processo de Sua rejeição, do Seu sofrimento e de Sua obediência: *“Era desprezado, e rejeitado dos homens; homem de dores, e experimentado nos sofrimentos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum”* (v. 3). Por sinal, percorrendo o Antigo Testamento, encontramos vários textos que se referem à Sua morte. O próprio Jesus enfatiza isso em Lucas 24:44: *“São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”*. Outros textos importantes que devem ser lidos são: Salmo 22; Isaías 25:8 e 52:14; Jeremias 23:5; Daniel 2:44; Miquéias 5:2; Zacarias 3:8, 9:9; Malaquias 3:1.

No Novo Testamento vemos toda a história da Sua morte e o impacto causado por ela na humanidade. A história da morte do nosso Senhor inicia-se com Ele próprio proclamando: *“O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, que o matarão; e morto ele, depois de três dias ressurgirá”* (Mc 9:31).

Ele vaticinou a Sua própria morte, principalmente quando disse: *“O meu tempo está próximo”, (...)* *“mas digo-vos que desde agora não mais beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco o beba novo, no reino de meu Pai”* (Mt. 26:18, 29).

Os significados da morte de Jesus:

Expição. Significa remissão, separação (culpa ou falta); padecer as conseqüências (dicionário Caldas Aulete). Biblicamente significa cobrir as culpas mediante um sacrifício exigido. A palavra ‘expição’ aparece 77 vezes no Antigo Testamento, sendo usada pela primeira vez em Êxodo 29:33: *“E Arão e seus filhos comerão as coisas com que for feita expição, para consagrá-los, e para santificá-los; mas delas o estranho não comerá, porque são santas”*. Levítico 17:11 diz que: *“Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expição pelas vossas almas; porquanto é o sangue que faz expição, em virtude da vida”*.

O Dia da Expição, no Antigo Testamento, está repleto de simbolismo que prenuncia a morte de Jesus. No Novo Testamento, o livro de Hebreus realça o cumprimento deste simbolismo através da Sua morte. Vejamos alguns pontos importantes:

1. O sacrifício do Antigo Testamento era provisório, tinha que ser refeito anualmente, mas apontava para um tempo futuro em que Jesus viria para remover de modo permanente todo pecado;
2. O sacrifício que era feito com animal representava a morte vicária e sacrificial de Jesus pelos pecados, trazendo, assim, perdão, reconciliação e purificação. Hoje, não há mais necessidade do sacrifício de animais;
3. O sacrifício no Antigo Testamento dava uma ‘cobertura’ pelo pecado, mas com o sangue de Cristo derramado na cruz, foi dada a expiação plena e definitiva.

Redenção. Significa ação ou resultado de redimir-se; salvação moral, religiosa ou psicológica de alguém; reparar ou reabilitar (dicionário Caldas Aulete). Biblicamente significa comprar de volta, resgatar. O homem encontrava-se ‘vendido à escravidão do pecado’ (Rm. 7:14) e precisava de alguém, de um resgatador. Em Ezequiel 18:4 diz que a alma que pecar, essa morrerá.

Somente através da morte de Jesus foi possível a redenção do homem. Jesus, embora tendo forma humana, não teve pecado, e somente um homem assim poderia redimir, resgatar outro indivíduo. Conforme a Bíblia de Estudo Pentecostal, pág. 1695 e 1696, a doutrina da redenção se resume em:

1. O estado do pecado, do qual precisamos ser redimidos. O homem estava escravizado pelo pecado e necessitando de livramento da culpa, da condenação e do poder do pecado (At. 26:18; Rm. 1:18; Ef. 5:8);
2. O preço pago para libertar o homem dessa escravidão: o sangue de Jesus (Mt. 20:28; Mc. 10:45; I Co. 6:20);
3. O estado presente dos redimidos: livres do domínio de Satanás e da culpa e do poder do pecado (At 26:18; Cl. 1:13).

Reconciliação. Significa estabelecer a paz entre, ou fazer as pazes (dicionário Caldas Aulete). Significa harmonizar as relações interrompidas entre dois indivíduos, promovendo mútuo entendimento através da remoção de barreiras e restaurando a comunicação entre ambos. O ato ou o processo de reconciliação abrange três pessoas: o ofensor (homem); o ofendido (Deus); e o mediador (Jesus). Através da morte de Jesus, o homem obteve o meio de conseguir a reconciliação com Deus. É uma escolha pessoal. Para aqueles que escolhem a reconciliação, há uma vida eterna com Ele e também participação no Ministério da Reconciliação (II Co. 5:18-20).

“Mas Deus dá prova do seu amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós. Porque se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isso, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora temos recebido a reconciliação” (Rm. 5:8,10,11).

Propiciação. Significa oferecer condições para que algo aconteça. O significado bíblico é cobrir os pecados daqueles que crêem em Jesus Cristo. *“...Mediante a redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs como propiciação, pela fé, no seu sangue, para demonstração da sua justiça...”* (Rm. 3:24,25). A integridade de Deus exigia que o pecado fosse castigado e que fosse feita propiciação junto a Ele, em nosso favor. Por isso, no Antigo Testamento, Deus manda Moisés construir o Tabernáculo e nele colocar o propiciatório.

“O propiciatório do Tabernáculo era a tampa da arca. Nela, o sumo sacerdote aspergia o sangue derramado do sacrifício, a fim de fazer expiação pelos pecados. Esse ato simbolizava a misericórdia de Deus, que levava ao perdão. Assim, o propiciatório e o sangue sobre ele, prefiguravam o perdão divino acessível aos pecadores através do sacrifício expiatório de Jesus” (Bíblia de Estudo Pentecostal, pág. 157, nota de Ex. 25:17).

“E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (I Jo 2:2). O sangue de Jesus é o único meio de se fazer propiciação, de se “cobrir o pecado”. O Seu sangue se sobrepõe ao pecado. A Sua morte é a maior prova do amor de Deus (Rm. 5:8).

A Sua ressurreição

A ressurreição de Jesus foi um fato essencial e glorioso. Embora ela não seja ‘racional’, podemos constatar que os apóstolos e Seus seguidores, que foram testemunhas vivas deste acontecimento, registraram de forma viva e poderosa a experiência que tiveram na ressurreição de Jesus. O apóstolo Paulo é um exemplo. Em I Coríntios 15:1-4, diz que Cristo morreu pelos nossos pecados e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia.

A importância

O evento da ressurreição de Jesus foi importante porque:

1. Cumpriu à risca a palavra dos profetas e do próprio Jesus (Sl. 16:10; Mt. 16:21; At. 13:34, 35);
2. Trata-se de uma das principais doutrinas do Evangelho (I Co. 15:1-4; Rm. 14: 9,10);
3. Foi a evidência central da divindade de Jesus. Demonstrou ser Ele o Filho de Deus (Rm. 1:4).
4. Foi a pedra fundamental sobre a qual a Igreja se ergueu (Rm. 10:9,10);
5. Tornou-se o símbolo do novo nascimento, que é uma ressurreição, uma nova vida espiritual (Jo 5: 21- 25; Rm 6:4);
6. Demonstra a autenticidade do cristianismo por ser a única religião em que o seu idealizador ressuscitou.

A natureza

Primeiro, Sua ressurreição foi obra da Trindade. Podemos verificar isso através das Escrituras: (1) Deus Pai (At. 2: 23, 24, 10:40; Ef.

1:19,20); (2) Deus Filho (Jo. 2:16, 10:17,18); e (3) Deus Espírito Santo (Rm. 8:11).

Segundo, foi uma ressurreição corporal. Seu corpo ressurreto era composto de ‘carne e osso’ (Lc. 24:36-39); podia ser tocado e sentido (Mt. 28:9; Lc. 24:39); estava marcado pelos pregos e pela lança (Jo. 20:20).

Terceiro, foi uma ressurreição real. Os soldados viram e asseguraram que Ele estava morto quando furaram Jesus com uma lança e dEle saiu água e sangue, que é uma evidência fisiológica do rompimento do coração (Jo. 19:34); como, também, o centurião romano que atestou Sua morte perante Pilatos (Mc. 15: 44,45).

E, por último, foi uma ressurreição única, porque Jesus é o único que possui imortalidade (I Tm. 6:16). A Bíblia relata situações em que pessoas ressuscitaram, mas todas elas morreram novamente depois, por isso o único imortal é Jesus Cristo.

As provas

Muitos fatos comprovam a veracidade da ressurreição de Cristo. Primeiro, temos a evidência do túmulo vazio (Mt. 28:6). As mulheres não encontraram Jesus no túmulo e os soldados que tomavam conta não sabiam o que tinha acontecido. Depois foram subornados para dizerem que o corpo de Jesus havia sido roubado (Mt. 28:12-15).

Segundo, era costume dos judeus enrolar o morto com tiras de pano do pescoço aos pés (Jo. 20:5-7, 11:44). No caso de Jesus, as roupas estavam intactas no sepulcro, só o lenço sobre o rosto foi removido.

Terceiro, ele apareceu a várias pessoas após a Sua ressurreição: a Maria Madalena (Jo. 20:11-17); a outras mulheres (Mt. 28:9,10); a Pedro (Lc. 24:34); a dois discípulos, no caminho de Emaús (Lc. 24:13-35); aos dez discípulos (Lc. 24:36-43); aos onze discípulos (Jo. 20:26-29); a sete discípulos no mar da Galiléia (Jo. 21:1-14); a quinhentas pessoas (I Co. 15:6); a Paulo (I Co. 15:8); a Tiago e a todos os apóstolos (I Co. 15:7).

Quarto, a mudança operada nos discípulos e o Pentecostes. Após os acontecimentos do Pentecostes os apóstolos pregaram a ressurreição de Jesus em todo lugar. Não há nenhuma referência na história da refutação dos fatos pregados por eles.

Quinto, a mudança do dia de culto (de adoração). O sábado foi reverenciado por muito tempo pelos judeus, mas após os acontecimentos da ressurreição de Cristo, o dia Santo passou a ser o primeiro da semana, o domingo. Assim, pelo fato de a ressurreição de Jesus ser o evento mais importante da fé cristã, os cristãos de todo o mundo reúnem-se aos domingos para cultuar a Deus (At. 20:7; I Co. 16:2).

E por último, a existência da Igreja. A história da Igreja cristã está intimamente ligada à ressurreição de Jesus.

Os efeitos

São grandes e maravilhosos os efeitos da ressurreição de Jesus Cristo. Ela fornece uma base para a nossa fé (I Pe. 1:21); é uma base forte e clara de que Jesus é tudo o que declarou ser: o Filho de Deus (Rm. 1:4); garante o perdão de pecados (Rm. 4:25); garante ao crente o poder necessário para a sua vida e para o serviço no Reino de Deus (Ef. 1:19-22); garante a ressurreição do crente (II Co. 4:14); e garante a certeza de um Dia de Juízo (At. 17:31).

“Como um monarca terrível num trono sepulcral, a morte continuava reinando sobre os filhos dos homens: ‘...a morte reinou desde Adão até Moisés...’” (Rm. 5:14). Cada geração sucessiva se levantava cheia de esperança, apenas para ser abatida pelo mesmo inimigo mortal. Mas a morte continuava reinando. Agora, porém, na ressurreição de Jesus, a morte foi vencida! Ele venceu a morte, não por evitá-la, mas suportando-a e conquistando-a. Através da morte, Ele destruiu aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo (Hb. 2:14). O ‘poder da ressurreição’ dominou o ‘poder da morte’. Em uma das últimas descrições sobre o Salvador, Ele tem ‘as chaves da morte e do inferno’ (Ap. 1:18)” (Fundamentos da Teologia Pentecostal, Vol I, págs.274/275).

“Mas, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, a

tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graça a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Co. 15:54-57).

Cristologia



CAPÍTULO 4



**A Sua ascensão
O Seu ministério**

Origem, natureza, queda, pecado

A Sua ascensão

A ascensão de Jesus Cristo completa o maravilhoso plano divino da redenção. É o evento em que Jesus partiu desta terra em corpo ressurreto e foi visivelmente elevado aos céus. O registro da Sua ascensão é encontrado em:

1. Marcos 16:19: *“Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus”;*

2. Lucas 24:50,51: *“Então os levou fora, até Betânia; e levantando as mãos, os abençoou. E aconteceu que, enquanto os abençoava, apartou-se deles; e foi elevado ao céu”;*

3. Atos 1:9-11: *“Tendo ele dito estas coisas, foi levado para cima, enquanto eles olhavam, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. Estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles apareceram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que ficais aí olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi elevado para o céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir”.*

A ascensão de Jesus também foi citada no Antigo Testamento: *“Tu subiste ao alto, levando os teus cativos; recebeste dons dentre os homens, e até dentre os rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre*

eles” (Sl. 68:18); e *“Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés”*.

O próprio Jesus falou várias vezes sobre Sua ascensão: *“Que seria, pois, se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?”* (Jo 6:62); *“Saí do Pai, e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai”* (Jo 16:28); *“Eu não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti”* (Jo 17:11).

A natureza

A ascensão constituiu um marco divisório na vida de Jesus.

Segundo Myer Pearlman *“a ascensão se torna assim a linha divisória entre dois períodos da vida de Cristo: do nascimento à ressurreição, Ele é o Cristo da história humana, aquele que viveu uma vida humana perfeita sob condições terrenas. A partir da ascensão, Ele é o Cristo da experiência espiritual, que vive nos céus e toca os homens através do Espírito Santo”* (Conhecendo as Doutrinas da Bíblia, pág. 176).

Também é importante salientar que a Sua ascensão significou Sua exaltação. Ele recebeu um lugar de honra e poder junto ao Pai. Esta exaltação é ensinada em textos do Novo Testamento: *“De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis”* (Atos 2:33); *“...sim, Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador...”* (Atos 5:31)

A ascensão foi um evento corporal e visível. Os discípulos foram testemunhas oculares da ressurreição de Jesus, como também da Sua volta ao céu. Também constituiu um percurso através dos céus. Efésios 4:10 menciona que Ele “subiu acima de todos os céus” e Hebreus 4:14 menciona que Ele “penetrou os céus”. A idéia parece ser que existem vários céus, pelos quais Jesus passou a caminho do Pai.

William Evans sugere: *“Isto significa que Ele venceu todas as potestades e principados do mal que habitam estes céus e que sem dúvida fi-*

zeram o máximo para impedi-lo de passar, a fim de apresentar Sua obra terminada ao Pai” (O Livro dos livros: o que Ele É; como estudá-lo, pág. 98).

A importância

Em primeiro lugar, a natureza do corpo ressurreto exigia Sua ascensão ao céu. Ele já não estava preso às leis e limitações humanas. Em segundo lugar, como Sua entrada nesse mundo foi sobrenatural, Sua saída também deveria ser. Com isso Ele deixou de ter os limites humanos, tornando-se ONIPRESENTE novamente. Em terceiro lugar, a obra de redenção foi completada com a Sua volta para o Pai. Ele assumiu a Sua posição de autoridade e cumpriu a promessa de preparar um lugar para os escolhidos (Jo. 14:2). Por último, também foi importante para seus discípulos, marcou as suas vidas e proporcionou-lhes consolação e certeza que deveriam prosseguir com a divulgação do Evangelho.

Os resultados

A ascensão de Jesus trouxe vários resultados para os cristãos:

- 1º. Ele é o mediador entre o homem e Deus (Hb. 4:14; I Tm. 2:5);
- 2º. O crente tem livre acesso à presença do Pai (Hb. 4:16);
- 3º. O Espírito Santo foi derramado sobre a Igreja (Jo 16:7);
- 4º. A Igreja recebeu os dons (I Co 12:8-10; Ef. 4:8-13);
- 5º. Está sendo preparado um lugar nos céus para a Igreja (Jo 14:2);
- 6º. Ele voltará (Jo 14:3).

Myer Pearlman, no seu livro *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia* (Pág. 278/279, Vol I), nos dá cinco valores práticos da doutrina da ascensão de Jesus:

1. A consciência da ascensão de Cristo, a quem esperamos ver um dia, é um incentivo à SANTIDADE.
2. O conhecimento da ascensão ajuda a obter um CONCEITO COR-

RETO DA IGREJA. A Igreja não é apenas uma sociedade humana, útil para propósitos filantrópicos e morais; ela é também um organismo sobrenatural com poder e autoridade.

3. UMA ATITUDE CORRETA PARA COM O MUNDO E AS COISAS MUNDANAS.

4. A crença na Sua ascensão implica o conhecimento de que um dia teremos que PRESTAR CONTAS A ELE.

5. A ALEGRE ESPERANÇA DE SUA VOLTA.

O resultado mais esperado deve ser a volta de Jesus para buscar o Seu povo. É a bendita esperança de todos os crentes. O Espírito Santo nos impulsiona a clamar a Deus pela volta do nosso Salvador. Em Apocalipse 22:20 temos estas últimas palavras: “Ora, vem, Senhor Jesus”. Amém!

O Seu ministério

Jesus Cristo foi ungido para evangelizar, curar os enfermos, libertar os oprimidos e anunciar o ano aceitável do Senhor (Lc. 4: 18,19). Ele reivindicou ser o Messias prometido e Seu ministério tornou-se a essência vindoura das Boas-Novas do Evangelho.

Seu ministério somente começou depois de receber a unção, mediante a descida do Espírito Santo, durante o Seu batismo (Mc. 1:10). A partir de então, Ele foi guiado pelo Espírito Santo e iniciou o ministério realizando muitos milagres, sinais e maravilhas.

Jesus foi um trabalhador. Ele disse: *“Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”* (Jo 5:17). Sentindo a urgência da Sua tarefa, Ele exclamou: *“Importa que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”* (Jo 9: 4,5).

Estudaremos o ministério de Jesus dividindo-o em três partes: Como Sacerdote, como Profeta e como Rei.

Como Sumo Sacerdote

O sacerdote representa o homem diante de Deus. O ministério sacerdotal de Jesus se caracteriza por:

- O sacerdote está unido àqueles a quem representa e é tirado do meio deles (Ex. 28:1; Hb. 5:1,2). Jesus tomou sobre si a forma de servo e foi feito à semelhança de homens para identificar-se com aqueles de quem faria a expiação. Ele vai a Deus por nós, porque se fez um conosco;

- O sacerdote oferece a Deus sacrifícios de expiação pelo pecado (Lv. 4; Hb 10:11,12). Jesus foi anunciado por João Batista, como “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Ele não tinha pecado próprio para expiar, mas fez o supremo sacrifício pelos pecados da humanidade;

- O sacerdote, como mediador, faz intercessão pelo povo (Hb 7:25). Jesus é o advogado que intercede junto ao Pai pelos crentes;

- O sacerdote tem que ser aprovado por Deus. A escolha de Jesus como Sumo Sacerdote é registrada em Hebreus 5:5,6: *“Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei; como também em outro lugar diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”*. (Salmo 2:7 e 110:4).

- O sacerdote tem que ser um homem compassivo. Jesus, em toda a Sua trajetória humana, foi um homem de grande compaixão. *“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”* (Hb. 4:15).

Como Profeta

Profeta é alguém encarregado por Deus para tornar Sua vontade conhecida ao homem. Um ministério secundário do profeta era predizer eventos futuros. O texto de Hebreus 1:1,2, é o que melhor expressa a missão profética de Jesus: *“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo”*.

O ministério de profeta incluía cinco funções: pregação, ensino,

discipulado, predição e milagres. Nem sempre as cinco funções estão presentes ao mesmo tempo. No caso de Jesus as encontramos manifestadas em sua plenitude. Vejamos as cinco funções na vida de Jesus:

- O ministério profético de Jesus iniciou-se com a **pregação**. O Novo Testamento registra quase cinquenta discursos de Jesus, dos quais o mais conhecido é o Sermão do Monte. A pregação de Jesus era evangelística (Mc. 1:38); era revolucionária, pois Ele convidava homens a mudarem seus caminhos; era de juízo, mas também de esperança. Mas Jesus não veio somente pregar a Palavra de Deus. Ele é a Palavra de Deus.

- O ministério profético de Jesus incluía o **ensino**. Os discípulos chamavam Jesus de “Mestre”. Para ensinar Jesus utilizou várias vezes as parábolas. Talvez a mais conhecida delas seja a parábola do bom samaritano. O texto de Marcos 1:21,22 marca o início do Seu ministério como Mestre: *“Entraram em Cafarnaum; e, logo no sábado, indo ele à sinagoga, pôs-se a ensinar. E maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas”*.

- O ministério profético mais importante na carreira de Jesus foi o **discipulado**. O maior exemplo foram os Seus discípulos que tornaram-se apóstolos da Igreja e os primeiros pregadores do Evangelho. Marcos 3:14, 15, mostra claramente o propósito do discipulado: *“Então designou doze para que estivessem com ele, e os mandasse a pregar; e para que tivessem autoridade de expulsar os demônios”*.

- O ministério profético de Jesus incluía também a função secundária, mas importante, de **predizer eventos futuros**. Principalmente, os eventos futuros que autenticaram a Sua divindade (Mt 16:18, 21, 16:18; Lc. 12:11, 19:43, 44; Jo 16: 7-11). Com relação às predições, é importante assinalar que se elas se realizassem e dessem glória a Deus, o profeta era reconhecido como um enviado legítimo. Jesus foi profeta por excelência.

- O ministério profético de Jesus foi marcado pelos **milagres**. A maior parte de seus sinais e prodígios foram milagres de compaixão pelos doentes, aflitos e possuídos por demônios. Ele também demonstrou Sua divindade através do sobrenatural (andou sobre as águas, transformou a água em vinho etc).

Como Rei

O nascimento de Jesus foi proclamado como de um rei: *“Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai; e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim”* (Lc. 1:32,33). Em Zacarias 9:9, foi profetizado o seu reinado: *“Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador”*. Jesus estava consciente de Sua missão real.

Ele descreveu Seu reino como um reino presente e futuro. Como reino presente temos a comprovação nos textos de Marcos 1: 14,15: *“Ora, depois que João foi entregue, veio Jesus para a Galiléia pregando o evangelho de Deus e dizendo: O tempo está cumprido, e é chegado o reino de Deus”*. Como reino futuro, Ele voltará para reinar na posição de Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap. 19:16, 20:6), e estabelecerá Seu reino tanto na terra como no céu.

Abaixo citamos os eventos futuros preditos por Jesus e Sua participação neles como Rei:

- O arrebatamento da Igreja (Jo 14:3; 17:24; I Ts. 4:16,17; I Co. 15:51-53; etc);
- O grande tribunal (II Co. 5:10);
- O grande Dia do Senhor (Dn. 7:13, 14; Zc. 14:1; II Pe 3:10);
- O reino milenar (Is. 65:17-22);
- O juízo final (At 17:31; Ap 20:7-15).

Jesus, como profeta, foi portador de mensagens; como sacerdote, o expiador de pecados; e como rei, o dono do cetro. Isaías previu a Sua vinda como sacerdote (Is. 53); Moisés profetizou Sua vinda como um profeta; e Daniel o viu como o Rei (Dn 9:25).

Mas Jesus, como um perfeito trabalhador, disse: *“Importa que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”* (Jo 9:4,5); e concluindo o Seu ministério terreno falou: *“Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer”* (Jo 17:4).

BIBLIOGRAFIA:

- 📖 FUNDAMENTOS DA TEOLOGIA PENTECOSTAL. Guy Duffield e Nathaniel Cleave, Vol I e II.
- 📖 CRISTO JESUS DO ALFA AO ÔMEGA. Pr. Arlindo Mendes.
- 📖 PROFECIAS MESSIÂNICAS CUMPRIDAS POR JESUS CRISTO. Arthur Roberto Henriques Nery da Matta.
- 📖 CRISTOLOGIA. EETAD.
- 📖 BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL.
- 📖 MINIDICIONÁRIO AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA.
- 📖 MINIDICIONÁRIO CALDAS AULETE.
- 📖 SITE: www.vivos.com.br

**Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de
Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático